

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO - ESAT
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

HANNA RITA DE MOURA VASCONCELOS

KAMISHIBAI COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE TEATRO

MANAUS

2023

HANNA RITA DE MOURA VASCONCELOS

KAMISHIBAI COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE TEATRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro na Universidade do Estado do Amazonas - Escola Superior de Artes e Turismo, sob a orientação da

Profa. Dra. Gislaine Regina Pozzetti.

MANAUS

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

V331kk Vasconcelos, Hanna Rita de Moura
Kamishibai como metodologia de ensino de teatro /
Hanna Rita de Moura Vasconcelos. Manaus : [s.n], 2023.
31 f. : ; 29 cm.

TCC - Graduação em Teatro - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.
Inclui bibliografia
Orientador: Pozzetti, Gislaine Regina

□1. Kamishibai. 2. teatro de papel. 3. contação de história. 4. ensino/aprendizagem. I. Pozzetti, Gislaine Regina (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Kamishibai como metodologia de ensino de teatro



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
Criada pelo Decreto Estadual nº 21.963, de 27 de junho de 2001

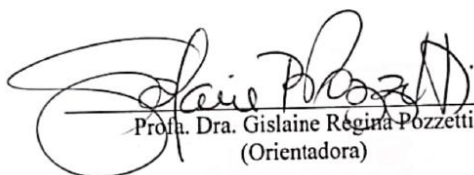


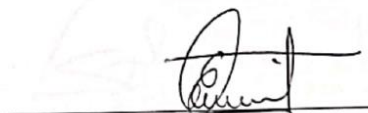
TERMO DE APROVAÇÃO

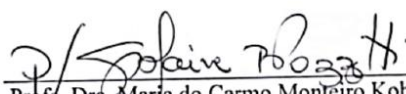
HANNA RITA DE MOURA VASCONCELOS

KAMISHIBAI COMO RECURSO METODOLÓGICO DE ENSINO DE TEATRO.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aprovado, com nota 9,5 como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura pelo curso de Teatro da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, pela seguinte banca examinadora:


Prof. Dra. Gislaire Regina Pozzetti
(Orientadora)


Prof. Dra. Encila Almeida dos Santos
(Membro Titular)


Prof. Dra. Marja do Carmo Monteiro Kobayashi
(Membro Titular)
participação REMOTA.

Manaus, 30 de março de 2023



Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de Janeiro
Ed. Professor Samuel Berekimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423



Agradecimentos

Agradeço ao Abba Pai, que sempre cuidou de mim; a Jesus Cristo, meu melhor amigo; ao Espírito Santo, que sempre me direciona nas decisões da vida e me leva a sonhar e a conquistar. Sou grata aos meus pais e irmãos por me apoiarem e não me deixaram perder a fé, aos meus avós, tios e tias que de alguma forma me ajudaram. Obrigada aos professores que se dedicaram em minha formação acadêmica, à minha igreja pelas orações e palavras de ânimo, aos amigos, grandes parceiros e incentivadores. Sou feliz por todos aqueles que passaram por meu caminho e contribuíram para o meu amadurecimento. Agradeço imensamente em conhecer a família Dunamis Pockets por me proporcionarem novas perspectivas no evangelho e aventuras incríveis conhecendo outros lugares do Brasil, cercado-me de novas conexões que abriram minha visão e me fizeram querer ir mais além em minha carreira.

KAMISHIBAI COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE TEATRO

Hanna Rita de Moura Vasconcelos¹
Profa. Dra. Gislaine Regina Pozzetti (orientadora)²

Resumo: Este artigo tem por objetivo o relato acerca do Kamishibai como metodologia para o ensino de Teatro no decorrer do Estágio Supervisionado em Teatro, realizado na cidade de Manaus, juntamente aos alunos da Educação Básica. Esse exercício configurou-se como uma oportunidade de conhecimento da linguagem teatral. Para o processo de estágio, foi utilizada a pesquisa-ação, na intenção de transformar o espaço em que atuo, contribuindo com os indivíduos. Todo esse processo aconteceu entre 14 de outubro de 2021 e 11 de outubro de 2022, envolvendo quatro escolas, as quais eram de Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Ensino não Formal. O procedimento no decorrer do estágio foi apresentar a origem/história e conceito do Kamishibai e, ao mesmo tempo, proporcionar a experiência entre os alunos, ocorrendo descobertas inesperadas revelando a cada prática o entendimento de que seria uma metodologia viável para estabelecer um ponto de comunicação e interesse comum. Assim, foram avistadas novas possibilidades no uso do Kamishibai como metodologia e ao que pode proporcionar ao ensino/aprendizagem, despertando o interesse dos alunos em se integrar às atividades propostas, fazendo-se protagonistas, partilhando a cultura da sua infância e seus saberes.

PALAVRAS CHAVES: Kamishibai, teatro de papel, contação de história, ensino/aprendizagem.

ABSTRACT: This article aims to reflect and discuss the experience of Kamishibai as a methodological resource for teaching Theater during the Supervised Internship in Theater, held in the city of Manaus, together with Basic Education students, this exercise was configured as an opportunity knowledge of theatrical language. For the internship process, a case study is used, with the intention of transforming the space in which I work, contributing with individuals. This whole process took place from October 14, 2021 to October 11, 2022, involving four schools, respectively Elementary School I, Elementary School II, High School and Non-Formal Education. The procedure during the internship was to present the origin/history and concept of Kamishibai and at the same time provide the experience among the students, with unexpected discoveries occurring, revealing to each practice the understanding that it would be a viable methodology to establish a point of communication and interest common. Thus, we see new possibilities in the use of Kamishibai as a methodology and what it can provide for teaching/learning, arousing students' interest in participating in the proposed activities, becoming protagonists, sharing the culture of their childhood and their knowledge.

¹ Licencianda em Teatro, na Universidade do Estado do Amazonas, formada em Design de Interiores pela Faculdade Martha Falcão em 2016. E-mail: hannaritamv@gmail.com

² Professora adjunta do Curso de teatro da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Doutora em Tecnologias da Inteligência e do Design Digital – PUC/SP, Mestra em Letras e Artes – UEA, Especialista em Arte Multimídia – UFAM e em Gestão da Educação – UFAM, pesquisadora do Grupo Tabihuni – CNPq. Coordenadora do projeto de extensão Teatro Lambe-lambe: estudo, pesquisa e prática. Autora dos livros: *Revisitação do Lendário através da escritura dramática* e *Inferência das Tecnologias nas narrativas teatrais*. E-mail: gpozzetti@uea.edu.br

KEYWORDS: Kamishibai, paper theater, storytelling, teaching/learning.

Introdução

Imagine alguém que, ao andar no mesmo caminho habitual, de repente avista algo novo e cativante, essa pessoa não se contentará em apenas seguir em frente se esse “novo” lhe despertou tanto interesse. Pois bem, é essa mesma sensação que aqueles que se deparam com o Kamishibai sentem, e, aqueles que se tornam seus admiradores, quanto mais pesquisam sobre essa arte, tanto mais novas descobertas fazem. Nas próximas páginas, você adentrará em um mundo novo e, após essa leitura, terá conhecido muitas possibilidades e talvez descoberto semelhanças com sua trajetória. O Kamishibai é uma arte que possibilita ao professor e ao aluno trocas de conhecimento e desperta bastante interesse a quem o vê. Como disse Rubem Alves em entrevista, e aqui me aproprio de suas palavras, é lamentável quando um aluno é obrigado a fazer algo, pois ele perde o interesse no momento em que é forçado; dessa maneira, o professor não motiva a curiosidade de aprender, porque o estudante não vê aquilo como algo que lhe seja útil, contudo, a missão do professor é provocar o interesse em aprender.

Nessa perspectiva de provocadora, proponho o relato acerca do Kamishibai como metodologia para o ensino de Teatro, desenvolvida no decorrer do Estágio Supervisionado em Teatro, em que trago estudos, reflexões e descobertas curiosas referentes ao Kamishibai. Você deve estar se perguntando (caso não conheça): o que é Kamishibai? Serão relatadas nos próximos tópicos a origem e a trajetória dessa arte, além da pesquisa e da prática realizadas no decorrer dos Estágios Supervisionados, com alunos do fundamental I ao Ensino Médio.

Os alunos, ao se depararem com esse novo objeto, ficaram encantados e expressaram fascinados: “Oh!”! E não é de se admirar, pois essa mesma emoção esteve presente no decorrer da pesquisa. Ali, percebeu-se como a arte se mistura aos anseios humanos, trazendo paz e entrega, expressando aquilo que seres humanos guardam de melhor dentro de si. Mesmo atravessando uma pandemia, na qual perderam seus entes queridos, passaram por privações e outros traumas, podiam se alentar com o resultado de suas expressões mais íntimas, alegrando-se uns com os outros em harmonia, compartilhando sorrisos e dores.

A Arte do Kamishibai

O Kamishibai (紙芝居) significa literalmente “teatro de papel”, *Kami* significa papel e *shibai*, teatro. É uma arte japonesa de contação de histórias, tem uma forma de narrativa a partir de cartões de imagem, geralmente com textos na parte de trás dos cartões, com a possibilidade

de o contador ler. Conforme a história avança, os cartões vão sendo retirados pelo narrador e transferidos para trás dos demais cartões a fim de que o público veja a próxima cena ilustrada, além disso, os textos inseridos no sentido contrário (de trás para frente) iniciando nas últimas páginas.

Figura 1 - Duas cartas Kamishibai de Five Estate Owners (ca. 1940), que mostram a ilustração na frente da carta 10 e seu roteiro impresso no verso da carta 9.



Fonte: Digital Collections – Hoover Institution Library & Archives, 2018.

Diferentemente dos gibis ou outras técnicas semelhantes, as ilustrações do Kamishibai não contêm narrativas, constam apenas no verso, cada um referente ao cartão que se mostra ao público (estes estarão sempre atrás do último cartão).

O **Butai** 舞台 – que significa *palco* (NOMISO, 2022, p. 87) – é uma caixa de madeira onde se organizam os cartões. Ao se abrirem as abas, podemos ver as ilustrações da história como um teatro em miniatura. O contador de histórias, *kamishibaya*, a utiliza para colocar os cartões e contar suas histórias. Como afirma Sato (2022, p. 22), “Há diversos formatos de Butai, porém a mais tradicional é a chamada Sanmen Butai, ou seja, Butai com três aberturas”, conforme imagem abaixo:

Figura 2 - Vista frontal fechada.



Fonte: Nomiso, 2022

Figura 3 - Vista frontal e aberta.



Fonte: American Libraries, 2021

Figura 4 - Lateral por onde manuseia-se a história.



Figura 5 - Lado de trás do Butai.



Fonte: Nomiso, 2022

ELEMENTOS DO KAMISHIBAI

Hyōushigi 拍子木 é um utensílio de madeira, em formato de bastões, para chamar atenção do público, o Kamishibaya bate um bastão no outro como chamamento de que o espetáculo vai começar. Atualmente, o objeto para chamar o público pode variar, tal como, tambores, pandeiros, guizos ou outros instrumentos musicais.

Figura 6 - Hyōushigi



Fonte: Site IBENTO GUZZU SMILEKAN

Kamishibaya é o contador de história do Kamishibai, mas também pode ser chamado de forma mais carinhosa por crianças de Kamishibai ojisan (tio do Kamishibai). Tradicionalmente, ele andava com uma caixa acoplada a uma bicicleta, na qual estava inserido o Butai; também havia gavetas para colocar doces que ele iria vender e nas outras guardava o dinheiro e demais acessórios. Os doces eram vendidos e consumidos antes ou após o espetáculo (JAPAN FOUNDATION, 2020, p. 2).

Figura 7 - Kamishibaya e seu Kamishibai.



Fonte: Site Janm – Kamishibai Man de Allen Say, 2005.

Figura 8 - Mulher Kamishibaya.



Fonte: Site - Readyfor.

A técnica do Kamishibai foi pensada para que fosse utilizado de forma simples, sem muitas complicações, com o intuito de que qualquer pessoa pudesse utilizá-lo e manuseá-lo corretamente. Embora o primeiro Kamishibai não tivesse palavras no verso dos desenhos, poucos anos depois de sua estreia, palavras foram adicionadas ao verso para que qualquer um pudesse utilizá-lo (SATO, 2022, p. 17-19).

Origem do Kamishibai

Há a teoria de que o Kamishibai surgiu dos *emaki*, registros em desenho em um rolo; a partir de então, surgiram derivações na sua construção e técnicas de uso. Acredita-se que a inspiração para o Kamishibai foi o emakimono “繪巻物” ou emaki “繪巻” (NOMISO, 2022, p. 100).

Figura 9 - FBN I Imigração Japonesa – Emakimono (繪巻物), período Kamakura (1185-1333).



Fonte: Blog da biblioteca Nacional, 2017.

Segundo Sato (2022, p. 11), o início dessa história surge nas ruas do Japão, percebendo-se sua popularidade na Era de Shōwa³. Esse Kamishibai é chamado de Gaitō Kamishibai, que

³ Período entre 1926-1989 na história do Japão.

significa teatro de papel de rua (ou Kamishibai de rua); Sato (2022) o chama de Kamishibai Itinerante. É importante saber que há dois tipos de Kamishibai: Gaitō Kamishibai e o Kamishibai impresso ou educativo (kyōiku Kamishibai).

Figura 10 - Kamishibai na Era Shōwa.



Fonte: Ameba – Grupo Musashino Funaki, 2022.

Na Era Meiji⁴, vemos teatros de bonecos de papel que se assemelham ao teatro de fantoches, sendo posteriormente substituído por desenhos (pranchas). Em meados dos anos 1930, na Era de Shōwa, se tornou popular nas ruas do Japão o Gaitō Kamishibai (SATO, 2022, p. 11).

Figura 11 - Público infantil pós-guerra.



Figura 12 - Venda de doces.



Fonte: Shiozaki-Kamishibai

Após o período da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial, o Japão, assim como outros países, passou por uma grande crise econômica, tendo 2,37 milhões de pessoas desempregadas. Segundo a pesquisadora Amy Sato (2022), nesse período, muitos homens que, inclusive, estavam na guerra, perderam a vida estável que tinham, e, para sua sobrevivência, encontraram no Kamishibai um meio para sustentar suas famílias.

⁴ Período entre 1868-1912 na história do Japão. Era importante no desenvolvimento e transformação do Japão.

no início do séc. XX, durante uma grande crise econômica no Japão, muitas pessoas passaram por dificuldades financeiras e então desenvolveram uma maneira portátil de entreter o público enquanto vendiam doces. Dessa forma surgiu o Kamishibai como é conhecido até hoje (JAPAN HOUSE, 2020).

Houve algumas histórias que fizeram sucesso durante aquele período. Quando o kamishibaya estacionava sua bicicleta com seu Butai e usava seu instrumento *Hyōushigi*, logo vinham muitas crianças para perto dele, e uma de histórias que se tornou famosa foi a “Ougon Bat”. Uma pesquisa feita pela Secretaria Social da cidade de Tóquio em 1935 apontou que havia muitas crianças espectadoras para assistir o Kamishibai.

As crianças queriam ouvir histórias e pediam aos pais, mas na maioria dos casos, os adultos eram ocupados (mesmo não sendo tanto) e alheios à exigência dos filhos. O Kamishibai cumpre essa exigência, e além do mais, os "tios" do Kamishibai dão atenção às crianças, por cerca de longos 30 minutos. É de se esperar o entusiasmo. Dizem que mesmo estando estático sem dizer nada, em 10 minutos, 30 a 40 crianças se juntam ao redor do contador (IMAI, 1934, p. 5-6, apud SATO, 2022, p. 12).

Uma das pioneiras do Kamishibai educacional, Yone Imai reflete sobre esse tempo e conclui que o cenário favoreceu o ápice do Kamishibai: em virtude da crise econômica naquele momento, os pais não tinham tempo para ficar com seus filhos, por isso as crianças ficavam livres na rua. Apesar de não ter sido uma época boa para os cidadãos japoneses, Sato (2022) afirma que se iniciou um movimento pró-cultura, o qual estava em processo de edição das primeiras revistas infantis; porém, com o acesso restrito somente a uma parte das crianças de famílias privilegiadas, o movimento culminou em grande dificuldade cultural. “Havia uma demanda tanto dos artistas, quanto das crianças, e também dos pais. E assim se estabelece a Primeira Era de Ouro do Kamishibai, que durou de 1930 a 1936” (SATO, 2022, p. 12-13).

O Kamishibai foi alvo de críticas desde seus primeiros anos, alegando-se que continha conteúdo agressivo ao público infantil, além de se ter discutido na imprensa sobre a situação sanitária das vendas de doces. A partir de então, inicia-se o Kamishibai Educativo. Yone Imai leva o Kamishibai para o ensino católico e, em 1933, surge a obra *Christmas Monogatari*, o primeiro Kamishibai impresso.

Após isso, Kenya Matsunaga teve a ideia de usar o Kamishibai para educação. *Matsunaga* (1907-1996) fundou um grupo para estudar os problemas infantis e se envolveu em atividades extracurriculares; com vistas a sua expansão, reforma e pesquisa criou a Federação Japonesa Kamishibai Educativo (Nihon Kyōiku Kamishibai Renmei - 日本教育紙芝居連盟), que

reverberou na Associação Japonesa de Kamishibai Educativo (Nihon Kyōiku Kamishibai Kyōkai - 日本教育紙芝居協会), conforme conta Bingushi.

Inspirado pelo show de histórias em imagens sonoras, em 1934, ele adaptou o filme soviético "Guia da Vida" recomendado pelo Ministério da Educação em um show de histórias em imagens (...) Matsunaga estabeleceu o Instituto de Problemas da Criança em 1936 e promoveu o Kamishibai como uma teoria de educação extracurricular e prática educacional. Como um grupo, ele formou a "Japan Educacional Kamishibai Association" com o objetivo de promover a educação em shows de histórias em imagens. (BINGUSHI, 2015, p. 189).

Mais à frente, essa associação foi utilizada como mecanismo de censura do Kamishibai, mais especificamente no período da guerra. Como afirma Bingushi (2015, p. 189): “Ambos também funcionaram como órgãos de censura Kamishibai de rua. À medida que a situação da guerra piorava, o preço do show de histórias em imagens diminuía”. Outro grande contribuidor para o Kamishibai educativo foi Goyama Takahashi, que, em 1935, funda a editora Kōshinsha e lança histórias voltado para a fase escolar maternal. Segundo Sato (2022, p. 13), isso foi uma maneira de mudar impressões negativas criadas pelas críticas feitas ao Kamishibai de rua. Takahashi contribuiu para algumas mudanças de estilo, como a suavização na pintura, uma simplificação no conteúdo e na linguagem, bem como elaborou técnicas específicas de apresentação.

Neste mesmo processo de desenvolvimento do Kamishibai de rua e do educativo, o Japão expandia-se territorialmente, e isso gerava um conflito com a China. Naquele cenário, uma guerra se aproximava e a censura se agravava cada vez mais, assim, o Kamishibai passou a ser utilizado como propaganda política. Durante os períodos da Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937) e da 2ª Guerra Mundial (1939), surge o Kokusaku Kamishibai, que era o uso do Kamishibai como propaganda para a guerra.

À medida que a situação da guerra piorava, a acessibilidade e a eficiência do Kamishibai eram reconhecidas. Ao se tornar uma propaganda de guerra, foi utilizado em todo o país: nas escolas, nas ligas de bairro, nos locais de trabalho. Até no campo de batalha, foi traduzido para a língua local e utilizado para transmitir a declaração governamental. Assim, manipulado pela política nacional como um meio de comunicação em massa, em 1942, o Kyōiku Kamishibai chega ao seu auge, porém esse esplendor foi também, um resultado do vigor do Kokusaku Kamishibai. Altamente avaliado também pelo escritório do governo, recebeu um reconhecimento nacional e foi distribuído pelo país todo, aumentando em dez vezes a produção, em relação ao período pré-guerra. (BINGUSHI, 2015, p. 189 apud SATO, 2022, p. 14)

Em 1943, a reprodução de Kamishibai chega a 60 mil mensalmente; quando cessou o período de guerra, o Kamishibai sofreu repressão, pois, ao ser utilizado como mecanismo da

guerra, foi mal visto, levando todos os Kokusaku Kamishibais juntamente com suas histórias a serem queimados e os Kamishibais a serem extremamente monitorados pelas forças aliadas (GHQ). Entretanto, como ninguém é capaz de arrancar a arte de alguém, houve uma ação de Koji Kata, que se reúne com colegas, reconstrói o desenho “Ougon Bat”, que havia anteriormente sido queimado, e novamente o Kamishibai ressurgiu.

Nesse tempo, além do entretenimento promovido pela arte, os doces também foram um atrativo para as crianças. Mais uma vez, o Kamishibai de rua recebe críticas acerca dos mesmos problemas anteriores, como higienização, conteúdos agressivos, porém não há mais a vigilância do governo. O Kamishibai tem sua segunda Era de Ouro em 1950, com registros de aproximadamente 50 mil contadores de história por todo o Japão. Com os avanços tecnológicos, ocorreu a chegada da televisão, o que refletiu diretamente na presença da arte Kamishibai.

Conforme relato do Japan House (2020, s. p.), “com a chegada da televisão no início dos anos 50, o Kamishibai perdeu a popularidade e quase deixou de existir, mas a tradição se manteve viva, principalmente nas escolas, como forma de estimular a criatividade das crianças para criar histórias e contá-las umas às outras”. Assim, o Kamishibai passou por muitos altos e baixos na sua história. Com o passar do tempo, os kamishibayas e outros artistas sentem a necessidade de dialogar o mais próximo possível com os públicos, e por isso criam variações das caixas; passou-se a usar outras formas de transporte para além das bicicletas. Trabalhos da atualidade comportam performances de estilos e técnicas variadas, com trilhas sonoras, personagens que se movimentam pelo cenário, narrativas gravadas e até atuação teatral concomitante.

A Pedagogia do Kamishibai no Brasil

No Brasil, ainda não há um número significativo de Kamishibai, apenas algumas companhias e artistas brasileiras, como: Flávia Wolffowitz, a Cia. Koi e a Cia. Mapinguary, porém o Consulado Japonês em São Paulo se empenha na promoção de festivais:

No ano passado, foi criado o Club de Kamishibai Brasileiro e no mês passado, o Club organizou o I Festival Internacional de Kamishibai online. O evento contou com a participação de contadores de 16 países, e além das histórias japonesas, alguns participantes contaram histórias folclóricas de seus respectivos países (MIMI, 2020, p. 2).

De acordo com Bingushi (2015), o Kamishibai é um material didático utilizado também para a puericultura e atendimento à idosos para a contação de histórias em bibliotecas, e espalhando-se para outros países. Contudo, as pesquisas relacionadas ao tema ainda são tímidas.

No Brasil, há uma boa base sediada no Consulado Geral do Japão, na cidade de São Paulo – SP. Nele, acontecem festivais de Kamishibai, e através dele há uma possibilidade de “empréstimos de materiais”; esse serviço oferece panfletos, algumas variedades de objetos, maquetes e brinquedos disponíveis para contribuir em eventos escolares e culturais, conforme divulga o *site*:

Com a finalidade de enriquecer os trabalhos escolares e eventos culturais promovidos pelas instituições educacionais, disponibilizamos gratuitamente para empréstimo: kits contendo panfletos e objetos diversos, vestimentas, maquetes, DVD, CD, bandeira nacional, entre outros. (CONSULADO GERAL DO JAPÃO⁵, 2020, p. 01)

Professores e pedagogos estão sempre determinados a encontrar caminhos criativos para dialogar com seus alunos; assim como um detetive investiga os fatos, estive pesquisando metodologias para preparar uma aula a ser representada no componente curricular Metodologia do Ensino de Teatro I, no curso de teatro na UEA e foi assim, que conheci o Kamishibai. Ouvi uma informação em uma das aulas sobre “teatro de papel”, e isso iniciou a busca para conhecer mais sobre esse recurso pedagógico de contação de histórias.

O Kamishibai como recurso lúdico oportuniza a criança perceber de forma concreta por meio do som, tato, a visão e a experimentar o aprendizado de forma prática e prazerosa, além de quebrar barreiras entre criança e adulto onde comumente se vê uma relação verticalizada e passa a ser recíproca.

Para Altamar (2016, p. 60) a linguagem teatral valoriza os princípios da ludicidade proporcionando ao indivíduo experimentar outros “eus”, respeitando a essência e o potencial dos indivíduos. A ludicidade apresenta o mundo através de diferentes linguagens e o teatro de papel entra em contato com o diálogo universal infantil que ressignifica, experimenta, imagina e recria em suas descobertas.

O exercício do Kamishibai oportuniza às crianças e aos adolescentes a aquisição de novos saberes e culturas; mas caso haja o interesse e curiosidade por esse “objeto

⁵ O Consulado Geral do Japão em São Paulo possui um serviço de “Empréstimos de Materiais” no qual disponibiliza diversos panfletos, objetos variados, maquetes e brinquedos para a realização de eventos escolares e culturais. Empréstimo de materiais disponível em: https://www.sp.br.embjapan.go.jp/itpr_pt/material.html. Acesso em: 02 jan. 2023.

desconhecido”, representa um aliado para o desenvolvimento da criatividade. Como aponta Kamilala (2020, p. 12), uma rede Internacional da Educação (D’Une Langue A l’Autre) nos diz que o uso do Kamishibai permite despertar nas crianças e adolescentes habilidades como “manter e estimular o imaginário; concentrar-se e criar as suas próprias imagens mentais; desenvolver a inteligência visual e auditiva.”

Elas aprendem outros elementos importantes, tais como posicionar: a voz, se posicionar em público, fluência na leitura e na fala, inclusive na extensão da voz (falar em voz audível), articulação das palavras e entoação são recursos que são desenvolvidos com orientação e são indispensáveis no Kamishibai, inclusive podendo-se incorporar processos multidisciplinares que são motivadores para a formação e desenvolvimento dos indivíduos.

As fases de encenação e/ou produção de uma história Kamishibai promovem o trabalho cooperativo entre crianças, seja em presença (biblioteca, aula, centro de atividades) ou como parte de um projeto de intercâmbio com outras instituições educativas ou outros países. Ao encenar o Kamishibai, as crianças podem: distribuir funções; definir os efeitos sonoros e/ou a música; Decidir o ritmo da narrativa e da transição das pranchas (KAMILALA, 2020, p. 13).⁶

As possibilidades do Kamishibai na educação dialogam com os objetivos do ensino de teatro e representa uma metodologia, ainda sem visibilidade no estado do Amazonas. Entretanto, minha opção por essa técnica está relacionada às minhas memórias de infância: minha mãe narrava histórias para seus seis filhos, fazendo as diferentes vozes, entonações de cada personagem com suas características e contava a história sem esquecer sequer uma frase, conduzia o texto do início ao fim sem perder a atenção dos seus espectadores. Ela nos hipnotizava e nos envolvia em seu mundo criativo. Acredito que essa seja a razão mais fundamental em que posso basear o motivo pelo qual a escolha do tema deste artigo. Ao me deparar com o Kamishibai (inconscientemente), conectei-me com minha raiz de infância, e logo depois veio à memória de quando ouvíamos as histórias.

Kamishibai na minha prática Pedagógica

Apresento aqui uma das formas de se fazer teatro de papel, essa em específico se chama Kamishibai. Escolhi-a e me encantei por ela, identifiquei-me com essa linguagem que me

⁶ Brochura concebida em 2020 pela Association Dulala (Associação D’une langue à l’autre), Universidades de Aveiro, Aristóteles de Tessalónica, e Paris 8 e ainda pela Região autónoma do Vale de Aoste, no âmbito do projeto «Erasmus+ Kamilala». Este Caderno Pedagógico é a primeira produção realizada no âmbito do projeto Erasmus Plus Kamilala, financiado pela União Europeia.

trouxe a essência e a simplicidade que recebi de minha mãe na infância. Portanto, eu não vi o Kamishibai como algo distante, mas enxerguei a semelhança de cultura, do amor, da arte no dia a dia da vida.

Quando levo para a sala de aula o Kamishibai, é com a visão de que os alunos têm algo a compartilhar, de sua própria cultura e experiência de vida, e desejei, por meio do teatro de papel, oportunizar um espaço para que fossem livres para criar. O teatro é uma arte que se mescla com outras expressões e outras ciências, assim me sentia em casa, pois eu respiro arte, eu necessito de arte! Meu encontro com o Kamishibai aguçou essa paixão, interesse e necessidade, porque é um teatro de trocas humanas e muitas possibilidades artísticas.

No mês de novembro de 2021, levei o Kamishibai para utilizar no meu primeiro Estágio Supervisionado, e foi realizado até o último Estágio com muitas aventuras. Diversas histórias foram contadas no meu teatro de papel e muitas mãozinhas o tocaram para a contação de histórias, enredos únicos criados por crianças e adolescentes, do Fundamental I e II até o Ensino Médio e Ensino não Formal, diferentes faixas etárias. Risos e sorrisos curiosos para ouvirem aquele que segurava o Kamishibai e contava a história.

Meu primeiro Kamishibai foi feito de papel paraná e o segundo – o que mais gosto – foi feito de material reciclável. Tinha guardado o meu antigo Butai em um depósito e, como estava precisando de um com urgência, minha irmã mais velha se dispôs a me ajudar: saímos pela rua procurando caixas de papelão pelos mercadinhos, tivemos sucesso na busca, foi como encontrar um tesouro que se tornaria um lindo Kamishibai brasileiro. Quando um filho de pais estrangeiros nasce em determinado país, ele pode ser registrado com aquela nacionalidade, portanto, meu Kamishibai é brasileiro.

Figura 13 - Meu Butai de material reciclável.



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

No Curso de teatro da UEA, o Estágio Supervisionado é dividido em 3 etapas; observação, monitoria e regência. Essas etapas foram importantes, porque me familiarizei com as crianças quando fui reger as aulas. Cheguei na sala de aula para a regência trazendo um segredo a ser contado: o Kamishibai. Coloquei sobre a mesa e disse: “Isso é um Butai e dentro dele existe um teatro inteirinho a ser descoberto.” As crianças ficaram curiosas para descobrir o conteúdo do Butai, minha proposta era que eles iriam criar suas próprias histórias para contar através do Kamishibai. No momento em que distribui folhas de papel em branco para as crianças e pedi que eles produzissem suas próprias histórias, animadas, elas deixaram fluir sua criatividade, como um “portal” para o mundo da imaginação.

O plano de ensino

No meu estudo para o desenvolvimento do plano de aula para o componente, elaborei um pequeno material didático, o “Introdução ao Kamishibai”, em que falo um pouco da história, da estrutura e do processo criativo.

Pensando em meus futuros Estágios Supervisionados e motivada para desenvolver o ensino da linguagem teatral através do Teatro de Papel, imaginei que seria importante que meus futuros alunos recebessem esse conteúdo por escrito. Assim, elaborei uma apostila montando-a na plataforma Canva, com *slides*, mas também com possibilidade de impressão em papel A4, pois muitas escolas não possuem recurso de Datashow.

Figura 14 - Introdução ao *Kamishibai* (Material didático).



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

A metodologia de desenvolvimento das aulas compreendeu 6 (seis) etapas: aula expositiva sobre o que é e a origem do Kamishibai; Explicação da atividade, o que e como procederíamos; elementos da linguagem teatral e divisão de grupos; processo criativo de elaboração da história chegando à síntese do que deveria comportar desenhos/ilustrações; e finalmente ensaios e apresentações. Foram aulas práticas de como criar histórias e apresentá-las entre os estudantes. Apliquei a mesma forma metodológica para todas as minhas aulas nesses estágios.

Primeiramente, compartilhei sobre a história do Kamishibai, depois ensinei aos alunos como utilizar o Butai e, em seguida, expliquei como seria a atividade, por exemplo: quantas pranchas ilustradas iriam fazer, estipulei três, orientando-os como iriam construir suas histórias: como seria a construção do enredo, partindo do pressuposto de que uma história tem início, meio e fim, em cada prancha seria escolhida uma cena/imagem da história criada que identificasse cada um dos três momentos.

Na primeira prancha, os alunos apresentavam seus personagens (o protagonista), aqui era revelada a história do personagem, a qual contexto o personagem pertencia; em algumas das minhas aulas, foi proposto que esse personagem tivesse um sonho de vida para realizar, aproveitando para trabalhar os indivíduos em seu contexto sociocultural proporcionando esse desafio para eles. Nesse momento, os alunos foram provocados a imaginar qual era o personagem principal, nome e características; se houvesse outros personagens na história, quem seriam; estimei o raciocínio dos alunos para que pensassem em como e onde aconteceriam as cenas, como aconteceu, lugar da história e qual o fim dela.

Na segunda prancha, era apresentado o que o personagem iria fazer para realizar esse sonho, conhecendo o desenrolar da história em que o personagem trazia – atitudes, ações e a interação com outros personagens. Na última prancha, era apresentado o fechamento da história

para chegar ao resultado das ações do personagem, se esse realizava ou não seu grande sonho de vida; seguindo um enredo com início, meio e fim.

No segundo momento, após a explicação, separei os alunos em grupos, e quando a turma era grande e o tempo curto (visto que as aulas são de 45 min na maioria das vezes). Em alguns casos pudemos realizar as atividades individualmente. Nesta etapa é a realização da atividade em si, criação de história e ilustrações. E, por fim, as apresentações dos grupos. O número de aulas varia de acordo com o ritmo dos alunos e o tempo disponível para a disciplina de arte.

ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Existe uma indispensável importância na prática dos estágios, e para um futuro profissional é a parte que o faz entender a teoria fazendo acontecer suas com as próprias experiências: “Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa.” (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 6).

Estágio I (Turma do 1º ano)

Minha primeira experiência ao levar o Kamishibai para a escola aconteceu logo no Estágio Supervisionado I, com crianças do 1º ao 4º ano:

Primeiramente ao chegar na instituição houve o período de observação, neste momento tive a informação que as crianças já haviam tido contato com o Teatro, em específico, com os jogos teatrais, tive o pensamento de realizar algo diferenciado com as crianças para que o conhecimento delas sobre o teatro se expandisse. Observei que naquela turma haviam bastante alunos que dominavam a arte de desenhar e gostavam. Então uni o útil ao agradável. Levei para eles o Kamishibai, expliquei o que era, como utilizar e os conduzi a criarem suas próprias histórias, geralmente para este objeto há histórias prontas em que o contador de histórias apenas tem que se dedicar a contar, mas sabendo que crianças tem o “poder” da imaginação, propus a elas criarem suas próprias histórias e compartilhem com a turma. Para chegar no resultado desejado tive que ter bastante cautela no processo de explicação e seguir etapas em que pudesse ser construído a compreensão na mente deles, então expliquei de forma lúdica, dei um exemplo na prática como seria a contação de história. Para minha alegria tudo fluiu bem, pude acompanhar o processo, dar as assistências necessárias, despertando a visão deles para várias probabilidades de histórias, e fui surpreendida com as histórias maravilhosas contadas ali, teve até “Banana voadora”. (VASCONCELOS, relatório de Estágio, 2021)

Para explicar como se utiliza o Kamishibai, contei-lhes a história da Chapeuzinho Vermelho; antes disso, desenhei na lousa três retângulos, como se fosse a “janela” do Butai, e

dentro dele fiz um desenho, o que seria a primeira cena, no segundo retângulo, fiz a ilustração da segunda cena, por fim, a cena final. Elaborei um exemplo do que fiz na lousa, como método para ensinar a elas de forma simples o conceito das etapas de uma história:

Figura 15 - Ilustração para explicação de como as crianças iriam elaborar suas histórias.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

As crianças compreenderam e criaram suas próprias histórias com um início, meio e fim. Como último passo no processo, elas contaram suas histórias utilizando o meu Butai.

Figura 16 - alguns desenhos e apresentação da história.



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Estágio II (5º ano ao 9º)

O Estágio Supervisionado II compreende turmas do 5º ao 9º ano. Nesse estágio, visitei várias salas acompanhando o professor de Artes, por isso, realizei a atividade com o Kamishibai em diferentes turmas. Para esse estágio, escolhi ir à escola em que no passado havia cursado o

Fundamental II, passei boa parte da minha infância naquele lugar. A seguir, uma parte do meu relatório de estágio:

[...] são diversas realidades, e tendo consciência disso desejei dar uma nova alternativa a esses estudantes, uma forma de contribuir os ajudando a lembrar dos seus próprios sonhos e deixar claro que mesmo que eles vivessem realidades não favoráveis ou sendo aos seus próprios olhos, impossível de realizar seus sonhos, ainda assim será possível realiza-los. Compartilhei com eles que eu havia sido aluna daquela escola, e que minha família não é rica, moro no bairro e que eu estava correndo atrás dos meus sonhos fazendo Licenciatura de Teatro. Apesar de não ser Coaching, dei uma aula com o Kamishibai, realizando o planejamento, percorrendo os processos em que fui ensinada. Apenas no último dia com cada turma liberei palavras de motivação, pois, a maioria deles não acreditavam em si mesmos, nem mesmo os professores, entretanto, alguém precisa acreditar no futuro deles para que eles acreditem neles (VASCONCELOS, relatório do Estágio II, 2021).

Meu Estágio II foi realizado em uma escola pública, no bairro onde moro e é a mesma onde me formei no ensino fundamental II. Ao chegar, percebi que muitos professores pareciam exaustos e desanimados, isso não era interessante para os alunos. Esse estágio aconteceu no segundo semestre de 2021, um momento “pós-pandêmico”, os alunos tinham acabado de vir de um ano com aulas remotas pelo canal aberto. Os professores também pareciam não saber como se comportariam na pós-pandemia, estavam sem a motivação adequada para a aprendizagem, o ensino estava fragilizado – foi nesse cenário que sugeri o tema “sonho de vida”.

Após explicar sobre o Kamishibai, a proposta era de que a história a ser criada partisse desse tema. As atividades foram realizadas, entretanto a maior dificuldade foi o fato de os alunos levarem as atividades para casa, pois tínhamos apenas 45 min de aula e isso não era tempo suficiente para elaborarem suas histórias e criarem suas ilustrações. Sempre havia esperança de que trouxessem os desenhos prontos, mas na aula seguinte estava exatamente onde eles haviam parado na anterior. Essa foi uma das maiores dificuldades que encontrei nos meus Estágios, pois percebi que não faz parte da cultura da maioria dos alunos por onde passei levar atividade para casa e trazer pronta. Decidi, então, que faríamos somente na sala de aula, sem demandar atividade para casa. Por fim, tivemos as apresentações do Kamishibai (Teatro de papel) e foi um tremendo sucesso.

Figura 17 - Trabalho realizado em Grupo.



Fonte: arquivo pessoal (2021).

Estágio III (Ensino Médio e Ensino não formal)

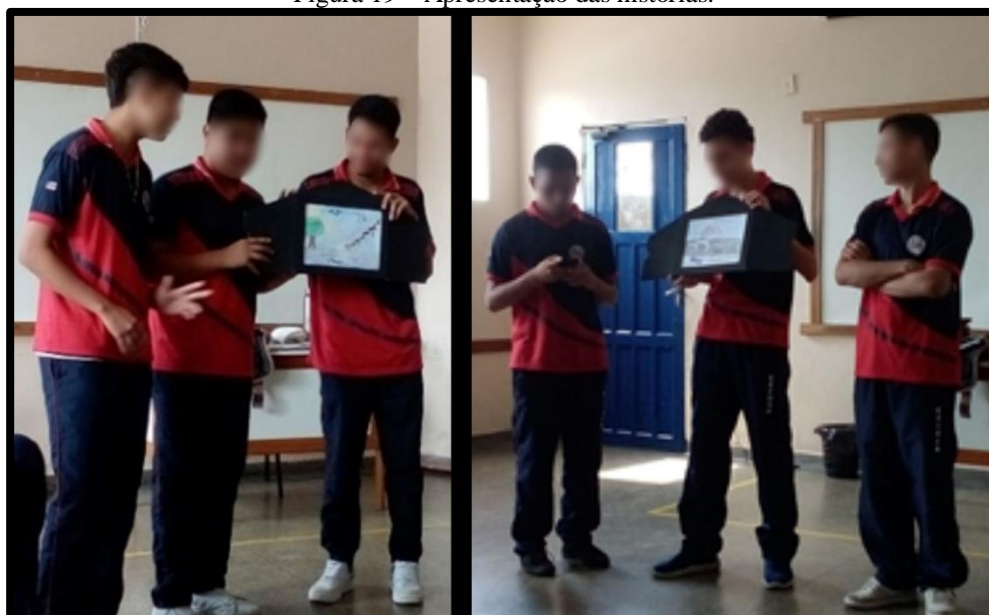
O último processo de estágio supervisionado acontece no Ensino Médio e em Espaços não Formais de Educação. Tal como nos outros estágios, pude perceber a dinâmica do professor de Arte na prática e constato que há uma grande diferença quando a pessoa é formada em área específica, há plenitude no que se realiza, acontece a aplicação do que se aprendeu em exercício e podemos identificar onde há necessidade de se aprimorar. Por se tratarem de alunos mais velhos, os trabalhos renderam mais, e o engajamento da turma em sala de aula foi maior.

Figura 18 – Divisão de grupos e Produção das ilustrações.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 19 – Apresentação das histórias.





Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Para o Estágio no Ensino não Formal, passei por uma instituição que abriga meninas e, também, funciona uma escola do Ensino Fundamental I - 1º ao 5º ano, com educação salesiana. Lá as meninas da escola e do abrigo podem fazer parte de um projeto em que profissionais de cada área ligada às atividades extracurriculares estão à frente de cada curso, são atividades como: aulas de dança, artes plásticas, teatro, informática entre outros projetos que são oferecidos nessa instituição.

Figura 20 - Crianças da Educação Infantil criando suas ilustrações para o Kamishibai.



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 21 - Criação de pranchas.



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 22 - Apresentação do que é Kamishibai.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 23 - Apresentação do que é Kamishibai.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 24 - Meninas da Educação Infantil construindo suas histórias.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

O emocionante no Kamishibai é que nunca sabemos quais histórias irão surgir, temos curiosidade de descobrir os mistérios que as crianças irão revelar com seus desenhos. Dependendo do que eles produzam ou como escolhem se expressar em seus desenhos, pode acontecer do professor (arte-educador) não compreender; contudo, deve-se permitir que a criança contextualize seu desenho, pois nele a criança retrata sua realidade, identifica seu contexto social e suas angústias. Isto poderá eventualmente, ser um meio para o professor se aproximar e ajudar no processo de ensino-aprendizagem, ou ajudar em dificuldades de aprendizagem fazendo uma ponte entre o conteúdo e os alunos.

O reconhecimento da cultura da criança permite um alargamento do olhar do adulto, professor de teatro, que valoriza esse saber infantil como fonte para a aula de teatro e para a troca de conhecimentos entre adulto e criança. Dessa maneira reconhecer a cultura da infância. (SARMENTO apud ALTEMAR, 2016, p. 60)

Sabendo ser necessário o reconhecimento da cultura infantil, podemos usar a arte teatral para aguçar esses saberes. O teatro para elas é uma brincadeira que se torna ao mesmo tempo um desafio por meio da prática, pois possuem seus próprios modos de significação, como vivenciamos na educação infantil.

Figura 25 - Meninas da Educação Infantil.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Na instituição de meninas onde realizei o estágio não formal, existe um espaço para o abrigo e outro para escola, portanto, funcionam separadamente. O Kamishibai proporcionou relatos pessoais de violência e abusos no meio familiar e por estranhos, ali percebi que dificilmente conseguiria colher os relatos por outro procedimento que o Kamishibai possibilitou.

Nesta experiência, pudemos ver mais uma vez o benefício dessa metodologia, o que corrobora a BNCC, quando traz que devemos, como profissionais, levar em consideração a diversidade que encontramos na sala de aula.

No Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais (BNCC, 2017, p. 13).

Figura 26 - Processos de construção e contação de história.



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Portanto, vi no Teatro de Papel ou Kamishibai um grande aliado, podendo ser um meio de comunicação para profissionais que trabalham com crianças, jovens e adultos, auxiliando na investigação entre os que sofrem ou sofreram abusos e violência, foi o que ocorreu quando foram relatadas as diversas histórias de meninas de forma sutil.

CONSIDERAÇÕES

Ao me debruçar para um relato acerca do Kamishibai como metodologia para o ensino de Teatro no decorrer do Estágio Supervisionado em Teatro, vislumbrei a possibilidade de “contar uma história”, entretanto as reflexões que a escrita me proporcionou levaram ao amadurecimento que a vivência no Estágio Supervisionado aliado à pesquisa contínua de metodologias pode oferecer. O Kamishibai, além de configurar-se como uma oportunidade de conhecimento da linguagem teatral, oferece também a possibilidade de conhecermos melhor os alunos, suas relações familiares e sociais, e os desafios e problemáticas que esses enfrentam no cotidiano de suas vidas.

Apesar de o tema ser a arte do Kamishibai como metodologia pedagógica no Estágio Supervisionado em Teatro, descobriu-se outros benefícios em usar esta arte de representação teatral, pois é uma tecnologia mágica e incrível. Embora seja simples, adaptável a diversos espaços, com recurso acessível para a contação de história, podendo-se trabalhar o ensino-aprendizagem em diversos níveis de conhecimento; na cultura, costumes, etc; podendo ser construído a partir de materiais recicláveis, configurando-se como uma proposta sustentável e possibilitando a prática docente, facilitando a comunicação entre os pares, despertando a

criatividade e o prazer de aprender. Ademais, os objetivos específicos se concentraram em oferecer oportunidade às crianças e jovens a criarem suas próprias histórias através do Kamishibai; e potencializar o protagonismo e aprendizagem de cada uma, abrindo espaço para expressão e comunicação e compartilhamento de cultura.

Diante da realidade escolar, estabelecem-se conexões e novas descobertas no que diz respeito a necessidade da arte na educação formal e desenvolvimento humano, fazendo o ensino-aprendizagem parecer uma brincadeira, levando-os a embarcar na disciplina com responsabilidades necessárias para se aprender.

A exemplo dessa experiência, ao fazer uma boa reflexão, percebi que as histórias que as crianças e os adolescentes criavam para apresentar no Butai, em sua grande maioria partiam não de uma narrativa inventada aleatoriamente, mas eram histórias/relatos daquilo que as rodeavam. Usando as memórias a partir das vivências de seu mundo, descreviam aquilo que vivenciavam ou vislumbravam para o futuro, por isso o uso desta arte japonesa é tão relevante, apesar de ainda ser pouco explorada no Brasil. Com base em minhas pesquisas, não encontrei nenhum resultado de trabalho realizado aqui em Manaus/AM.

Referências

ALTEMAR, Larissa Maria Santos. A linguagem teatral e a cultura da infância. *Teatro: criação e construção de conhecimento*. Palmas/TO, v.4, n.5. p. 59-66, Jan/jun. 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/article/view/2376/pdf>

AMARAL, Ana Maria. *Teatro de Animação: da teoria à prática*. 3. Edição. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

BINGUSHI, Kumiko. Kamishibai Kenkyu no Genjo to Kadai. *Journal of Child Study*, Hiroshima, v.21, p.185-202, 2015. Disponível em: https://www.js-cs.jp/wp-content/uploads/pdf/journal/21/cs2015_14.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

DULALA, A Associação D'une langue à l'autre - Kamishibai plurilíngue: Da criação à execução - projeto Erasmus Plus Kamila. 2020.

KAMISHIBAI, a arte japonesa de contar histórias. Japan Foundation, São Paulo, 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://fjso.org.br/agenda/Kamishibai-fundacaojapao/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

KAMISHIBAI: Conheça o teatro de papel japonês e aprenda a fazer o seu. Japan House, São Paulo, 11 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.japanhousesp.com.br/artigo/Kamishibai-conheca-o-teatro-de-papel/>. Acesso em: 07 jul. 2021.

KAMISHIBAI Defined - A Core Topic of Modern Japan. Fanning the Flames: Propaganda in Modern Japan (Hoover Institution Library & Archives), Stanford – CA, 2021. Disponível em: <https://fanningtheflames.hoover.org/shorthand-story/7>. Acesso em: 08 mar. 2023.

LEOPOLDO, de Mattos. Rubem Alves - A Escola Ideal - o papel do professor. YouTube, 15 de junho de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>. Acesso em: 29 mar. 2023.

NOMISO, Cecília Massako. *Possibilidades da cultura japonesa na prática pedagógica: um caso a ser estudado*. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru, p. 1-159, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/217531>

SATO, Amy. *A Linguagem do Kamishibai e os seus Processos de Criação*. Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, p. 1-59, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/235908>

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. Formação da pedagoga e do pedagogo: pressupostos e perspectivas. Editora Cultura Acadêmica - *Revista Poíesis*, V.3, Números 3 e 4, p.5-24, 2005/2006